

**UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA**

**DAHNY ELIZABETH QUEIROZ SAMPAIO-F253872
GLEICIANE MARIA DO NASCIMENTO SILVA-N578HG0
SABRYNA GONÇALVES SALES-F153630
THAIS BAYMA MARK-T1984D0
VANDERLEY LUIZ DE SOUZA-T3335I3**

O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO BULLYING NA SALA DE AULA

**Goiânia - Flamboyant
2024**

DAHNY ELIZABETH QUEIROZ SAMPAIO-F253872
GLEICIANE MARIA DO NASCIMENTO SILVA-N578HG0
SABRYNA GONÇALVES SALES-F153630
THAIS BAYMA MARK-T1984D0
VANDERLEY LUIZ DE SOUZA-T3335I3

O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO BULLYING NA SALA DE AULA

Relatório de pesquisa apresentado para Plano de Estudos Orientados - PEO, do Curso de Psicologia da Universidade Paulista-UNIP, sob a orientação do Professor Ms. Leonardo Guimarães.

CIP - Catalogação na Publicação

O papel do professor diante do bullying em sala de aula / Dahny
Elizabeth Queiroz Sampaio ...[et al.]. - 2024.
38 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado ao Instituto
de Ciência Humanas da Universidade Paulista, Goiânia, 2024.
Área de Concentração: Psicologia Escolar.
Orientador: Prof. Me. Leonardo Conceição Guimarães.

1. O papel do professor diante do bullying em sala de aula. I. Sampaio
, Dahny Elizabeth Queiroz. II. Guimarães, Leonardo Conceição
(orientador).

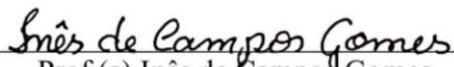
DAHNY ELIZABETH QUEIROZ SAMPAIO- F253872
GLEICIANE MARIA DO NASCIMENTO SILVA- RA N578HG0
SABRYNA GONÇALVES SALES- F153630
THAIS BAYMA MARK - T1984D0
VANDERLEY LUIZ DE SOUZA- T3335I3

O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO BULLYING NA SALA DE AULA

Relatório de pesquisa apresentado para Plano de Estudos Orientados - PEO, do Curso de Psicologia da Universidade Paulista-UNIP, sob a orientação do Professor Ms. Leonardo Guimarães.

O trabalho foi considerado Aprovado com a nota 9,5 (nove, cinco).

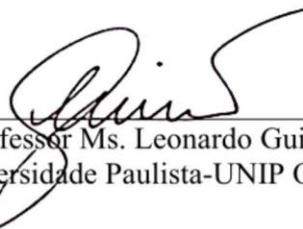
Goiânia, 29 de novembro de 2024.



Prof.(a) Inês de Campos Gomes
Universidade Paulista-UNIP



Prof.(a) Dra. Tainá Dal Bosco Silva
Universidade Pulista-UNIP



Professor Ms. Leonardo Guimaraes-
Universidade Paulista-UNIP Orientador

RESUMO

O *bullying* é um problema global que impacta os estudantes em diversas esferas, como psicológica, social, física, acadêmica e financeira. No aspecto psicológico, pode afetar a autoestima e gerar sintomas depressivos, chegando até ao suicídio em casos extremos; socialmente, desencadeia comportamentos de medo e isolamento; fisicamente, pode envolver agressões diretas; academicamente, prejudica o rendimento escolar e, financeiramente, compromete as oportunidades de acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho. Dada a gravidade do *bullying*, este estudo teve como objetivo investigar o papel dos professores no enfrentamento dessa questão nas escolas. A pesquisa foi realizada com 16 professores de ensino médio de cinco escolas públicas de Goiânia-GO, todos com experiência mínima de dois anos. A coleta de dados foi feita por meio de questionários online, que permitiram a análise qualitativa das respostas. O estudo buscou explorar as percepções dos docentes sobre o *bullying*, as abordagens que utilizam para lidar com a situação e os recursos institucionais disponíveis para prevenção e intervenção. Os resultados indicaram que a maioria dos professores reconhece a importância do combate ao *bullying* e relata ter lidado com casos em suas turmas. As principais estratégias adotadas incluem diálogo com as vítimas e agressores, apoio emocional às vítimas e comunicação com os pais. No entanto, foi observado que as escolas carecem de políticas institucionais eficazes e recursos adequados para lidar com o *bullying* de maneira abrangente. A discussão revelou que, apesar da conscientização dos professores, há uma necessidade de maior capacitação sobre o tema, além de políticas escolares mais eficazes. A participação das famílias e a implementação de programas preventivos estruturados são considerados elementos-chave para um enfrentamento mais efetivo do *bullying* nas escolas. Conclui-se que, embora os professores desempenhem um papel crucial no combate ao *bullying*, é urgente a criação de políticas mais robustas e um trabalho colaborativo entre escolas, famílias e a comunidade para garantir um ambiente escolar seguro e inclusivo.

Palavras-chave: *bullying*, violência, professor, sala de aula, intervenções.

ABSTRACT

Bullying is a global problem that impacts students in various spheres, such as psychological, social, physical, academic, and financial. In the psychological aspect, it can affect self-esteem and generate depressive symptoms, even reaching suicide in extreme cases; socially, it triggers behaviors of fear and isolation; physically, it may involve direct aggression; academically, it harms school performance and, financially, compromises opportunities for access to higher education and the labor market. Given the severity of bullying, this study aimed to investigate the role of teachers in coping with this issue in schools. The research was carried out with 16 high school teachers from five public schools in Goiânia-GO, all with a minimum of two years of experience. Data collection was done through online questionnaires, which allowed the qualitative analysis of the answers. The study sought to explore teachers' perceptions of bullying, the approaches they use to deal with the situation, and the institutional resources available for prevention and intervention. The results indicated that most teachers recognize the importance of combating bullying and report having dealt with cases in their classes. The main strategies adopted include dialogue with victims and aggressors, emotional support for victims and communication with parents. However, it has been observed that schools lack effective institutional policies and adequate resources to deal with bullying in a comprehensive manner. The discussion revealed that, despite the awareness of teachers, there is a need for greater training on the subject, in addition to more effective school policies. The participation of families and the implementation of structured preventive programs are considered key elements for a more effective confrontation of bullying in schools. It is concluded that, although teachers play a crucial role in combating bullying, it is urgent to create more robust policies and collaborative work between schools, families and the community to ensure a safe and inclusive school environment.

Keywords: bullying, violence, teacher, classroom, interventions.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Entendimento sobre o bullying.....	18
Gráfico 2- O papel do professor diante do bullying.....	19
Gráfico 3- A influência do bullying na vida das vítimas.....	21
Gráfico 4- Atitudes do professor frente ao bullying.....	22
Gráfico 5-A escola e o bullying.....	23

SUMÁRIO

1. Introdução	9
1.1. Apresentação	9
1.2. Levantamento bibliográfico	9
1.3. Objetivos	14
1.3.1. Objetivo geral	14
1.3.2. Objetivos específicos	14
1.4. Hipótese	14
1.5. Justificativa	14
2. MÉTODOS	16
2.1. Participantes	16
2.2. Instrumentos:	16
2.3. Aparatos de Pesquisa:	16
2.4. Procedimentos para coleta de dados	17
2.5. Procedimento para análise de dados	17
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
3.1. Entendimento dos professores acerca do bullying	18
3.2. O papel do professor diante do bullying	19
3.3. A influência do bullying na vida das vítimas	20
3.4. Atitudes do professor frente ao bullying	22
3.5. A escola e o bullying	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
5. REFERÊNCIAS	26
6. ANEXOS	29

1. INTRODUÇÃO

1.1. Apresentação

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa realizada pelos alunos do curso de Psicologia da Universidade Paulista, Campus Goiânia Flamboyant, cujo objetivo foi investigar o papel do professor diante do *bullying* em sala de aula.

O *bullying* é um problema que afeta milhares de estudantes em todo o mundo. Ele pode ter consequências negativas para o bem-estar emocional e psicológico das vítimas, além de prejudicar a convivência em sala de aula e a aprendizagem dos alunos. Por isso, é importante entender o papel do professor no enfrentamento ao *bullying*, a fim de desenvolver estratégias eficazes de prevenção e intervenção. É por essa razão que esse tema desperta tanto interesse na educação e na psicologia escolar.

As notícias de ataques a escolas, praticados por estudantes que alegam ter sofrido algum tipo de violência ou preconceito em razão das condições socioeconômica, orientação sexual, racial, étnica entre outros, nos fazem pensar nas seguintes perguntas: os professores conseguem identificar com facilidade os episódios de *bullying* que ocorrem em sala de aula e realizar uma intervenção eficaz e coerente? Identificar e lidar adequadamente com o *bullying* é um desafio que exige não apenas o conhecimento do professor, mas também uma abordagem prática e sensível que envolva toda a comunidade escolar. A presente pesquisa investigou essas questões, com o intuito de oferecer contribuições para o aprimoramento da prática educacional e para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes.

1.2. Levantamento bibliográfico

As pesquisas sobre *bullying* começaram nos anos 1970 com o professor de psicologia norueguês *Dan Olweus*. Desde então, seu trabalho é considerado uma referência na área. No Brasil, as pesquisas começaram no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 (Miyazato, 2017). No entanto, somente a partir de 2010 aumentou o número de pesquisadores que trabalham com o tema *bullying*.

Crochick, et.al (2017), analisaram dados de pesquisas realizadas entre o período de 2010 a 2014 com alunos da rede pública na cidade de São Paulo e chegaram a conclusão de que o *bullying* possui em uma cadeia hierárquica, a qual é composta pela hierarquia oficial e a hierarquia não oficial, sendo que, na oficial estão os alunos que serão as vítimas e na não oficial os alunos que serão os autores da prática de *bullying*. Na hierarquia oficial estão os alunos que

se sobressaem e se destacam do ponto de vista dos docentes, levando em consideração as médias acadêmicas obtidas, bem como a disciplina que apresentam em sala de aula. Já na hierarquia não oficial, estão os alunos que possuem uma média acadêmica menor em comparação aos alunos que compõem a hierarquia descrita anteriormente, mas que se destacam como atletas na matéria de educação física por exemplo, sendo considerados pelos demais alunos como “populares”.

Oliveira (2012, *apud* Silva 2015), evidencia que, as pesquisas para dar nomes aos comportamentos negativos se dão a partir dos anos 1980, quando as brincadeiras com conotações agressivas e preconceituosas passou da escala de simples brincadeira para a do *bullying* - violência e demarcação de poder, onde o agressor deixa evidente sua predominância na relação - atitude esta que passou a despertar, principalmente entre educadores, um desejo de conhecer melhor este fenômeno para evitar grandes prejuízos na vida futura dos estudantes. Esta diferenciação entre os termos passou a ter uma notoriedade quando os prejuízos psicossociais do *bullying* se tornaram motivos de reflexões e levantamentos de hipóteses, as quais diziam que as brincadeiras praticadas entre crianças e adolescentes estariam contribuindo para o crescimento de comportamentos indesejáveis e disfuncionais na vida adulta.

O termo *Bullying* é uma palavra de origem inglesa que deriva do radical *Bully* e que se refere a um indivíduo com atitudes de “valentão, bravo e violento”, (Silva, 2015). Ele compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas entre pares, causando dor e angústia dentro de relações desiguais de poder (Cristovam et al, 2010), ou seja trata-se de um fenômeno que excede os muros da escola, podendo se estender a outros contextos da vida do indivíduo.

Um fato interessante é que a maioria das pessoas acredita que o *bullying* ocorre apenas entre alunos, mas conforme aponta Jesus (2015), o fenômeno é caracterizado como sendo qualquer forma de intimidação que seja repetitiva, com o mesmo alvo, inclusive quando vinda do professor.

O *bullying* envolve diversos tipos de vítimas e agressores. A vítima típica, que é aquela que apresenta certas fragilidades e que no ponto de vista dos agressores terão dificuldades para se defender; a vítima provocadora, que é aquela que com suas atitudes provoca reações e com as quais não consegue agir; a vítima agressora que reproduz os maus tratos que sofrera anteriormente; o agressor que faz dos mais fracos suas vítimas e temos o espectador, aquele que vê o que acontece ao seu redor mas não se posiciona e inconscientemente também sofre um abalo psicossocial por estar exposto a tudo isso, num ambiente considerado seguro (Silva, 2015).

Segundo Lopes (2005) vítimas, agressores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem causar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais. Pessoas que sofrem *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos. O simples testemunho de atos de *bullying* já é suficiente para causar descontentamento com a escola e o comprometimento do desenvolvimento acadêmico e social. Ou seja, o *bullying* é um fenômeno que acarreta consequências físicas, emocionais, sociais, acadêmicas e financeiras na vida dos envolvidos.

Conforme descrito por Oliveira (2018), o *Bullying* é um fenômeno mundial que tem se manifestado tanto nas escolas públicas como nas privadas e algumas delas simplesmente não admitem a sua ocorrência entre seus alunos, enquanto outras desconhecem o problema ou se negam a enfrentá-lo.

É importante compreender que, por se tratar de um fenômeno complexo, seu enfrentamento exigirá a colaboração de vários atores e medidas vindas de várias áreas do conhecimento. Conforme apontam Freire e Ayres (2012. p. 57),

É preciso pensar o *bullying* escolar como um fenômeno social, portanto as formas de enfrentamento e prevenção devem estar em plena comunhão com o contexto onde ocorre, envolvendo medidas psicopedagógicas e preventivas que levem em consideração aspectos sociais, psicológicos e econômicos muito mais do que medidas caracterizadas por punições, ameaças e intimidações ou formas prontas de enfrentamento.

A dimensão política também faz parte do enfrentamento desse fenômeno. Pensando nisso, em novembro de 2015, foi promulgada a Lei 13.185, conhecida como Lei *Antibullying*. Suas diretrizes incluem alguns objetivos para a erradicação do *bullying*, dentre eles a capacitação de professores e equipes pedagógicas, facilitando discussões sobre *bullying*, disseminação de informações e orientações às famílias e à sociedade em geral, bem como oferecimento de apoio psicológico, social e jurídico às vítimas e aos professores. A lei também enfatiza a utilização de mecanismos de promoção da efetiva responsabilização e mudança de comportamento, para além da simples punição ao agressor (Brasil, 2015).

Em 2024 foi aprovada no Brasil a lei de nº 14.811, na qual o *bullying* foi incluído no Código Penal Brasileiro, o artigo 146-A, estabelece:

Intimidar sistematicamente, individualmente ou em grupo, mediante violência física ou psicológica, uma ou mais pessoas, de modo intencional e repetitivo, sem motivação evidente, por meio de atos de intimidação, de humilhação ou de discriminação ou de ações verbais, morais, sexuais, sociais, psicológicas, físicas, materiais ou virtuais: Pena - multa, se a conduta não constituir crime mais grave (Brasil, art. 6º, 2024).

Em consonância com a dinamicidade que cerca o fenômeno *bullying*, vale salientar a existência de uma política pública voltada à educação, a qual pode ser considerada uma

estratégia de enfrentamento a tal violência. É a lei nº 13.935 de 2019, a qual diz sobre a obrigatoriedade da presença de psicólogos e assistentes sociais na rede básica de ensino da educação pública. Tal lei se apresenta como uma possibilidade de atuação e intervenção frente ao *bullying* ao estabelecer a escola como um local de atuação desses profissionais (psicólogo e assistente social) os quais exercem suporte no combate a violências. É papel do psicólogo no âmbito educacional colaborar com o enfrentamento de violências e preconceitos presente na escola e colaborar com a formação continuada dos professores, e é papel do assistente social aprimorar a relação entre a escola, a família e a comunidade de forma a combater todas as formas de preconceito (Conselho Federal de Psicologia, 2019). Ou seja, há um respaldo legal que prevê a presença de profissionais no âmbito escolar que corrobora com o objetivo de auxiliar os professores bem como os demais atores escolares a lidar com as dificuldades presentes no cenário escolar, dentre as quais, o *bullying*. Entretanto tal lei para ser efetiva precisa ser corretamente implementada nas escolas, tanto a nível estadual quanto municipal.

Conforme aponta Freire e Aires (2012), o psicólogo é o profissional apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, ajudando a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Logo, a inserção do profissional de Psicologia no ambiente escolar seria fundamental não só para trabalhar o desenvolvimento cognitivo, mas também o desenvolvimento emocional e pessoal dos estudantes e profissionais de educação, trazendo trabalhos preventivos com ênfase na cidadania, incentivando a solidariedade, a generosidade, a paz, a tolerância e o respeito às diferenças.

Mas a questão principal a se pensar considerando o objetivo do presente trabalho é o professor diante de tudo isso. Conforme aponta Silva (2013) em sua pesquisa, alguns professores apresentaram conhecimento completo referente a definição de *bullying*, mas no geral suas noções são fragmentadas sobre o fenômeno em questão, tendendo a minimizar as agressões verbais presentes em sala de aula. E tal fragmentação pode ser prejudicial, pois de acordo com Silva e Bazon (2017), a falta de conhecimento consiste em um baixo nível de eficácia para identificar e manejar adequadamente as situações de *bullying* na escola.

Conforme apontam Silva e Rosa (2013), os educadores sabem pouco sobre o fenômeno do *bullying* e isso tem repercussões nos modos de eles planejarem e realizarem suas intervenções pedagógicas neste campo. Evidenciam, ainda, que o tema é pouco tratado, tanto nos processos de formação inicial quanto nos programas de formação continuada de professores e de outros profissionais da educação, como gestores e coordenadores pedagógicos, por exemplo.

A escola e os professores devem prevenir atitudes violentas, estimular o

desenvolvimento de hábitos e habilidades que propiciem saúde física e mental, promovendo expressões de resiliência. Nesse contexto, é preciso formar agentes de proteção, que modifiquem as condições de risco a que estão expostos crianças e adolescentes vitimizados pelo *bullying* (Yunes et al., 2015).

Outro aspecto importante a se considerar nisso tudo são os professores. Eles se constituem como profissionais que contemplam grande parte da engrenagem do processo educacional, mas que diariamente, estão sujeitos a exaustão emocional, sentimentos de desgaste e de incerteza, entre outros, distanciando-se da sua tarefa de educar as crianças e jovens sob sua responsabilidade (Yokoy e Pedroza, 2005). Por se tratar de uma categoria profissional que gera bastante estresse, é necessário também oferecer-lhes um apoio, até porque não há como exigir de tais profissionais excelência para detectar e intervir em violências escolares se eles não estão bem. É nesse momento que ressaltamos a importância do psicólogo escolar novamente, pois na medida em que os professores focam no autocuidado e se sentem apoiados em seu trabalho, os estudantes, pelos quais as instituições educacionais são responsáveis, serão os maiores beneficiários (Ribeiro, 2019).

Quando se trata de intervenções e programas que já foram criados vale mencionar Robson (2022), que cita em sua matéria para a BBC de Londres, a professora da Universidade *Clemson* na Carolina do Sul (EUA), Susan Limber, onde ela comenta sobre o *Olweus Bullying Prevention Program* (Programa de Prevenção ao *Bullying Olweus*), um dos programas mais amplamente testados. Esse programa foi desenvolvido pelo falecido psicólogo sueco-norueguês *Dan Olweus*, já citado neste texto, que liderou grande parte das primeiras pesquisas acadêmicas sobre vitimização infantil. Limber, destaca que as iniciativas para combater comportamentos agressivos e preconceituosos relacionados ao *bullying* deve começar mostrando o problema para as crianças e informá-las das consequências que tais práticas podem causar:

O Programa Olweus incentiva a escola a estabelecer expectativas muito claras do que é um comportamento aceitável — e as consequências se violarem essas regras. Saber o que está acontecendo é muito importante e pode orientar seus esforços de prevenção ao *bullying*, (...) as [sanções] não devem ser uma surpresa para os alunos. (Limber, apud, Robson, 2022).

A partir das discussões sobre o impacto do *bullying* nas diferentes esferas da vida dos estudantes, torna-se evidente a importância da atuação dos professores no enfrentamento desse problema. O papel do professor vai além da sala de aula, pois ele não apenas identifica e reage a situações de *bullying*, mas também pode contribuir significativamente na prevenção e no apoio às vítimas. Este estudo, portanto, tem como objetivo investigar como os

professores percebem e abordam o *bullying*, explorando as estratégias que utilizam para lidar com essas situações e os recursos disponíveis nas escolas para apoiar esse processo.

1.3. Objetivos

1.3.1. Objetivo geral

Investigar como os professores lidam com o *bullying* quando detectado em salas de aula do ensino médio.

1.3.2. Objetivos específicos

- Identificar o nível de conhecimento do professor em relação ao *Bullying*;
- Compreender a realidade do professor e as estratégias e mecanismos de intervenção que lhes são disponibilizados quando se trata do tema *bullying* em sala de aula.

1.4. Hipótese

Acredita-se que a minoria dos professores fecha os olhos para o problema do *bullying* em sala de aula e que a maioria o enxerga e busca meios de combatê-lo, mas apesar da boa vontade que têm, não sabem como identificá-lo e, quando o fazem, não sabem como proceder diante da situação. A atuação do professor como mediador deste e outros conflitos se torna limitada em razão das poucas e ineficientes iniciativas para combater o *bullying* e diminuir significativamente os casos dentro da sala de aula e no contexto geral da escola. A maioria das escolas não têm programas de prevenção ao *bullying* e as que têm, possuem um programa muito superficial de conscientização e prevenção para este que, segundo Silva, (2015), se tornou um problema endêmico nas escolas de todo o mundo.

1.5. Justificativa

Muitos são os prejuízos que o *bullying* pode trazer para a vida das vítimas, dentre os quais a Robson (2022), cita que as vítimas têm maior risco de obterem problemas de saúde mental, tais como ansiedade, depressão, pensamento paranoico, transtorno de agorafobia o que, impacta na média acadêmica e como consequência possível, redução de perspectiva de emprego e instabilidade financeira dentre outros.

Tendo em vista esses possíveis danos é que vemos a importância do tema, pois ao conseguirmos descobrir o papel do professor com relação ao *bullying* no contexto escolar e em especial em sala de aula, será possível a ampliação de conhecimento em relação ao tema proposto e a criação e implementação de projetos *antibullying* nas escolas e conseqüentemente corroborar com o papel tão importante que o professor tem como educador, neste processo de evolução educacional que tornará os alunos mais conscientes das conseqüências negativas provocadas em casos de *bullying* no contexto escolar. O programa *Olweus* citado pela reportagem da BBC é um exemplo de iniciativas que podem possivelmente ter como resultado a diminuição dos casos de *bullying* e preservação da vida psíquica, social, física e financeira dos alunos, o que os possibilitará crescer com mais segurança e com os direitos preservados.

2. MÉTODOS

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva, com o objetivo de investigar como os professores lidam com o *bullying* quando detectado em salas de aula do ensino médio. A pesquisa qualitativa busca entender os fenômenos a partir da perspectiva dos participantes, sem se preocupar com a quantificação dos dados. Segundo Gil (2008), esse tipo de pesquisa visa interpretar e descrever os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências e realidades. A pesquisa de natureza descritiva, conforme Lakatos e Marconi (2017), visa caracterizar um fenômeno ou a relação entre variáveis, sem interferir no contexto em estudo. O pesquisador busca detalhar aspectos específicos do objeto de estudo utilizando técnicas de coleta de dados, como entrevistas e questionários.

2.1. Participantes

Para a referida pesquisa foram selecionados 17 professores de 5 escolas da rede pública estadual na cidade de Goiânia-GO, dos quais apenas 16 aceitaram responder o questionário. Tais profissionais foram escolhidos de forma aleatória, levando em consideração os seguintes critérios: que lecionam no ensino médio, com pelo menos dois anos de experiência na docência e lecionando a pelo menos seis meses na escola contemplada na pesquisa.

2.2. Instrumentos:

Para realizar a coleta de dados foi realizado um questionário (anexo A), confeccionado em formulário digital, em que foi enviado um link aos participantes por meio de e-mail e App Whatsapp, que seguiu um roteiro com 5 perguntas abertas as quais visaram compreender o conhecimento do professor com relação ao *bullying*, quanto ao papel do professor em situações em que se deparam com a ocorrência do fenômeno *bullying*; as influências que o professor acredita que o *bullying* tem na vida da vítima, o tipo de atitude tomada por cada um em casos de *bullying* na sala de aula e; por fim, compreender as estratégias, trabalhos ou medidas adotadas pelas instituições quando se trata do tema. Utilizamos também o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (anexo B).

2.3. Aparatos de Pesquisa:

Neste estudo foram utilizados equipamentos de informática, livros, artigos, vídeos,

material impresso além de lápis, canetas e borrachas.

2.4. Procedimentos para coleta de dados:

Para coletas de dados foi utilizado um questionário com 5 perguntas abertas, o qual foi respondido pelos participantes de forma remota por meio de um link enviado no email e/ou Whatsapp de cada um deles. É importante mencionar que o projeto de pesquisa e o questionário foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Paulista-UNIP, e os mesmos obtiveram parecer favorável, número 6.717.329.

2.5. Procedimento para a análise de dados:

Considerando que o questionário elaborado é constituído de perguntas abertas, o que possibilitou a elaboração de respostas amplas e que expressam a subjetividade de cada participante, optamos por um método de análise de dados denominado categorização. Segundo Moraes (1999), a categorização é um procedimento de organizar os dados, considerando a sintonia estabelecida entre eles. Ou seja, constitui-se um meio para classificar elementos descritivos semelhantes em uma mesma categoria (Bogdan; Biklen, 1994).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

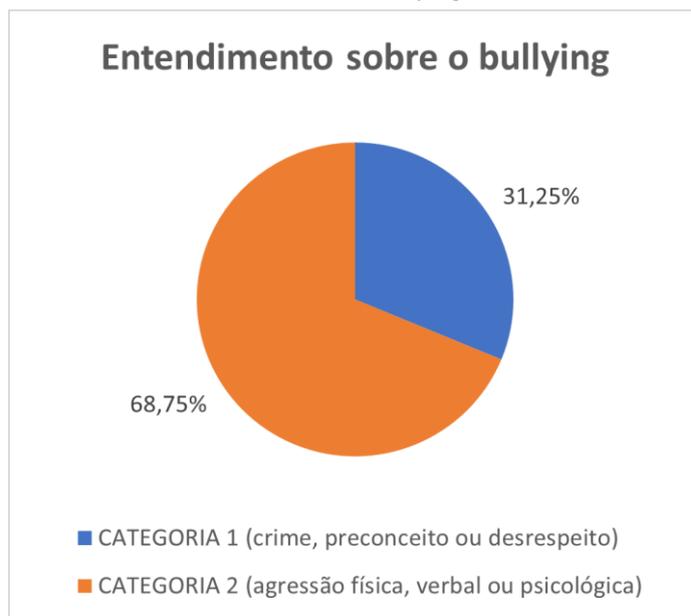
Elaboramos um questionário com cinco perguntas abertas, as quais foram respondidas por um total de 16 participantes. Por se tratar de perguntas abertas as possibilidades de respostas são amplas, e tendo em vista tal situação optamos por fazer uma análise das respostas obtidas em cada uma das perguntas conforme descrito no anexo C.

3.1. Entendimento dos professores acerca do *bullying*.

A primeira pergunta do questionário foi: “o que você entende sobre *bullying*?”, e as respostas obtidas foram divididas em duas categorias.

O gráfico 1 a seguir descreve as categorias e retrata o percentual de respostas obtidas em cada uma delas.

Gráfico 1 – entendimento sobre o bullying



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Como pode-se observar a maioria das respostas obtidas (68,75 %) definiu o *bullying* como crime, preconceito ou desrespeito, enquanto que a minoria (31,25 %) o definiu como agressão física verbal ou psicológica, o que nos sugere que os professores possuem certo nível de conhecimento sobre o fenômeno *bullying*, porém tal conhecimento é fragmentado ou insuficiente. Isso pois em suas respostas os professores não abarcam algumas características próprias do fenômeno como por exemplo o fato de ser uma violência caracterizada por agressões intencionais, repetitivas e sem motivação aparente, sendo caracterizado também por

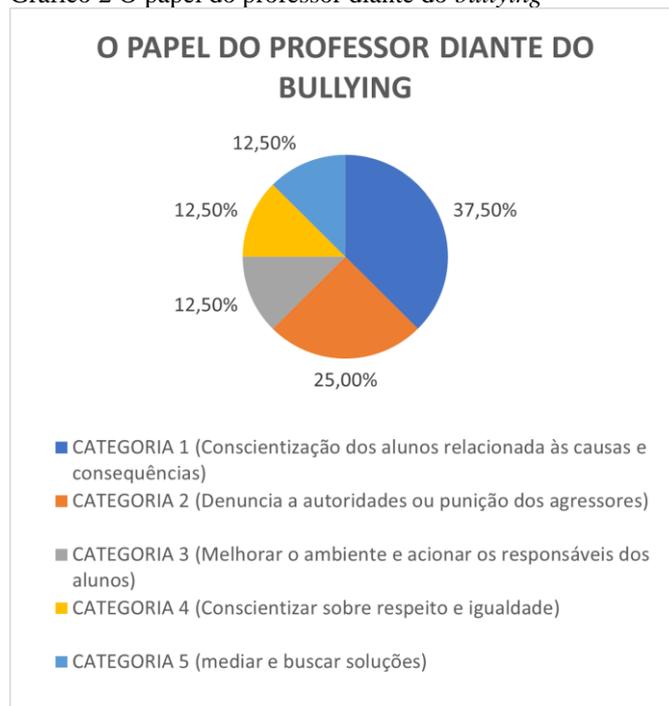
agressões envolvendo o próprio professor (Jesus, 2015). Outra característica que não apareceu em nenhuma das respostas foi os diferentes tipos de participantes existentes no fenômeno, tais como a vítima típica, a vítima provocadora, a vítima agressora, o agressor e o espectador (Silva, 2015), os professores limitaram suas respostas apenas à vítima típica e ao agressor. Isso sugere que o conhecimento dos professores equipara-se a respostas de senso comum, nas quais eles apresentaram definições parciais do fenômeno. Os resultados encontrados nessa pergunta coincidem com as pesquisas de Silva (2013), isso pois em sua pesquisa, alguns professores apresentaram conhecimento completo referente a definição de *bullying*, mas no geral suas noções são fragmentadas sobre o fenômeno em questão. Tais dados apontam para uma realidade que acaba dificultando o combate e erradicação do *bullying*, isso pois a falta de conhecimento consiste em um baixo nível de eficácia para identificar e manejar adequadamente as situações de *bullying* na escola.

3.2. O papel do professor diante do *bullying*

A segunda pergunta foi: “qual é o papel do professor na escola quando o assunto é *bullying*?”, e nessa questão utilizamos um total de cinco categorias.

O gráfico 2 a seguir descreve as categorias e exibe o percentual de respostas obtidas em cada uma delas.

Gráfico 2 O papel do professor diante do *bullying*



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

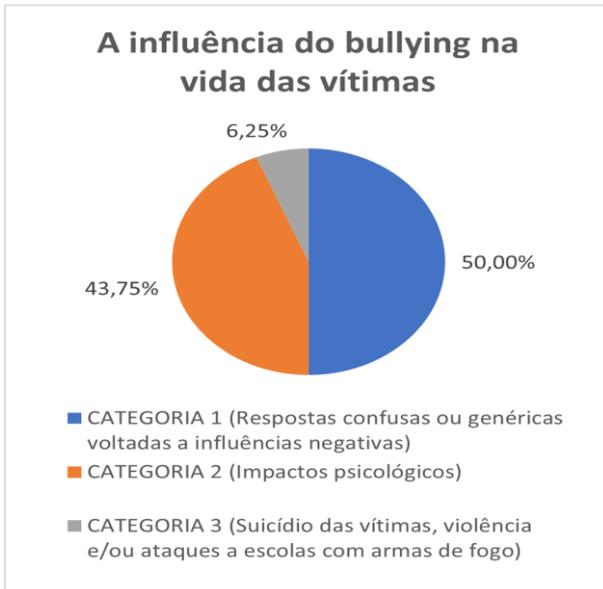
Nessa pergunta 37,5% dos entrevistados atribuiu ao professor o papel de conscientizar os alunos sobre causas e consequências, 25% denunciar às autoridades ou punir os agressores, 12,5% melhorar o ambiente e acionar os responsáveis, 12,5% conscientizar sobre respeito e igualdade e 12,25% mediar e buscar soluções. O interessante a se observar nas respostas obtidas nessa pergunta é que a maioria dos professores (62,5%), elaborou respostas nas quais a atuação do professor ocorre de forma isolada, o que nos leva a considerar que o papel do professor no combate a tal fenômeno é visto como um trabalho isolado, e isso contrasta com o exposto por Freire e Ayres (2012) quando afirmam que por se tratar de um fenômeno complexo, seu enfrentamento exigirá a colaboração de vários autores e medidas vindas de várias áreas do conhecimento. E tal perspectiva vinda dos professores pode ser influenciada por diversos fatores como por exemplo a falta de conhecimento da complexidade do fenômeno e a falta de capacitação adequada no tema violências escolares. É importante pontuar sobre a importância do psicólogo escolar nesse âmbito, isso pois é papel do psicólogo no âmbito educacional colaborar com o enfrentamento de violências e preconceitos presente na escola e colaborar com a formação continuada dos professores (Conselho Federal de Psicologia, 2019). Ou seja, o psicólogo é um importante aliado dos professores ao promover tanto a disseminação de informações quanto participar juntamente com os demais profissionais das instituições educacionais da criação de estratégias de enfrentamento que se adequam à realidade da cada instituição.

3.3. A influência do bullying na vida das vítimas

A pergunta três foi: “Quais influências você acha que o *bullying* tem na vida da vítima?” e as respostas obtidas foram divididas em três categorias.

O gráfico 3 a seguir descreve as categorias e apresenta o percentual de respostas obtidas em cada uma delas.

Gráfico 3- A influência do bullying na vida das vítimas



Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Na terceira pergunta, 50% dos professores alegaram que as consequências para a vítima está relacionada a influências negativas (e nessa categoria tiveram também respostas genéricas ou confusas), 43,75% dos professores relacionaram as consequências com impactos psicológicos como depressão, ansiedade e baixa autoestima, já os últimos 6,25% dos professores relacionaram as consequências com atitudes extremas como suicídio ou ataques a escolas com armas de fogo.

Com base nas respostas obtidas nessa pergunta podemos perceber um alto índice de respostas genéricas ou confusas o que pode indicar desconhecimento dos professores relacionado às consequências que o *bullying* pode causar nas vítimas, bem como indicar um possível desinteresse dos professores quando se trata do assunto ou ainda um possível desinteresse dos mesmos voltados ao próprio questionário que aplicamos. Entretanto, no geral pôde-se perceber que os professores possuem um nível de conhecimento parcial quando se trata das consequências, novamente emitindo respostas genéricas e de senso comum, isso pois houve a omissão de algumas consequências como por exemplo as consequências acadêmicas e financeiras descritas por Lopes (2005). Além do mais, o *bullying* ainda pode provocar consequências que se estendem para a vida adulta, como a propensão ao desenvolvimento de depressão e baixa auto-estima, consequências essas que possivelmente fogem ao conhecimento dos profissionais. Levando em consideração a lacuna de conhecimento dos professores quanto a essas consequências é interessante mencionar a proposta trazida pela lei de erradicação ao *bullying* (Brasil, 2015) a qual inclui em suas diretrizes alguns objetivos para a erradicação do *bullying*, dentre eles a capacitação de professores e equipes pedagógicas, facilitando discussões

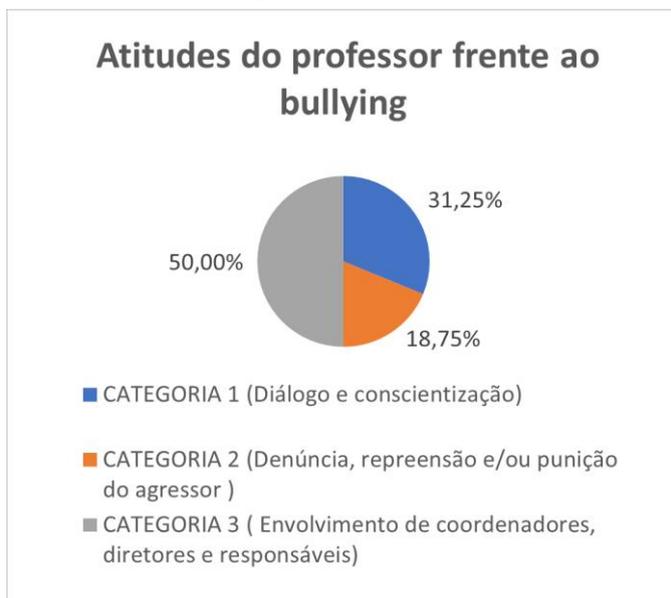
sobre *bullying*, disseminação de informações e orientações às famílias e à sociedade em geral, bem como oferecimento de apoio psicológico, social e jurídico a vítimas e professores. Dentre os recursos citados é importante ressaltar a importância do olhar atento do psicólogo escolar aos professores, profissionais que diariamente estão sujeitos a exaustão emocional, sentimentos de desgaste e de incerteza, entre outros, distanciando-se da sua tarefa de educar as crianças e jovens sob sua responsabilidade (Yokoy e Pedroza, 2005), e se os professores não estão emocionalmente bem, provavelmente terão dificuldade de se atentar as violências cometidas entre seus alunos.

3.4. atitudes do professor frente ao bullying

A quarta pergunta foi: “Qual é a sua atitude ao presenciar uma situação de *bullying* em sala de aula? Quais as providências tomadas?” e as respostas obtidas foram divididas em três categorias.

O gráfico 4 a seguir descreve as categorias e retrata o percentual de respostas obtidas em cada uma delas.

Gráfico 4- atitudes do professor frente ao bullying



Fonte: Elaborado pelos autores (2024)

Na pergunta 4 obtivemos um total 31,25% das respostas voltadas ao diálogo e conscientização, 18,75% voltados a denuncia, repressão e punição do agressor e 50% das respostas voltadas ao envolvimento de coordenadores, diretores e responsáveis.

Um ponto positivo nas respostas dessa questão é que a maioria delas encontra-se voltada

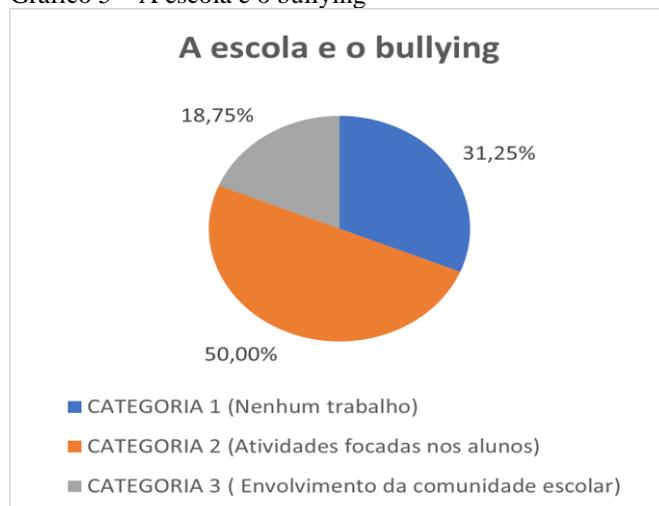
para o acionamento de outros atores do ambiente escolar (como coordenadores e responsáveis dos alunos) bem como do uso da conscientização e diálogo o que entra em consonância com o exposto na Lei 13.185 (Brasil, 2015), a qual traz como proposta de erradicação do *bullying* a capacitação de professores com ênfase a facilitar discussões sobre *bullying* e a disseminação de informações e orientações (Brasil, 2015). Já um ponto negativo é que uma parcela considerável (18,75%) de professores ainda foca na culpabilização e punição dos agressores, o que contradiz o exposto na Lei 13.185 (Brasil, 2015), quando a mesma enfatiza a utilização de mecanismos de promoção da efetiva responsabilização e mudança de comportamento, para além da simples punição ao agressor (Brasil, 2015). Ou seja, os professores têm um papel que vai além de apenas aplicar sanções e punições, mas tanto eles quanto a escola devem prevenir atitudes violentas, estimular o desenvolvimento de hábitos e habilidades que propiciem saúde física e mental, promovendo expressões de resiliência. Nesse contexto, é preciso formar agentes de proteção, que modifiquem as condições de risco a que estão expostos crianças e adolescentes vitimizados pelo *bullying* (Yunes et al., 2015).

3.5. A escola e o bullying

A quinta pergunta foi: “A escola em que você trabalha já fez algum trabalho com os professores e alunos sobre o *bullying*? Explique como foi”. As respostas dessa pergunta foram divididas em três categorias.

O gráfico 5 a seguir descreve as categorias e retrata o percentual de respostas obtidas em cada uma delas.

Gráfico 5 – A escola e o bullying



Fonte: Elaborado pelos autores

Na quinta pergunta, 50% dos professores responderam que os trabalhos foram voltados aos alunos como palestras, rodas de conversas e conscientização, 31,25% dos professores responderam que não houve nenhum trabalho na instituição de ensino que trabalham e 18,75% dos professores responderam que as intervenções envolveram a comunidade escolar (responsáveis, equipe e comunidade)

As respostas obtidas na categoria 1 levanta um alerta importante, isso pois em uma quantidade significativa de respostas (31,25%) os professores alegaram não terem presenciado ou não se lembram da implementação de algum trabalho na escola em que atuavam quanto a prevenção do *bullying*, o que revela que a lei *antibullying* (13.185/2015) não está sendo corretamente implementada nessas escolas. Entretanto, a maioria das escolas possuem algum tipo de enfrentamento a violência que é o *bullying*, o que entra em consonância com o artigo 5º da lei descrita acima que diz que é dever do estabelecimento de ensino assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (*bullying*) (Brasil, 2015).

É necessário se pensar ainda em estratégias para mudar a situação das escolas onde não se tem intervenções, e o psicólogo escolar constitui-se como um profissional fundamental nas instituições de ensino por suas competências no geral, mas em específico por ter conhecimentos a respeito de violências, relações e funcionamento humano, sendo fundamental a sua presença e colaboração na elaboração e implementação de medidas preventivas e remediativas diante do *bullying* escolar. Conforme aponta Freire e Ayres (2012), o psicólogo é o profissional apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, ajudando a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Logo, a inserção do profissional de Psicologia no ambiente escolar seria fundamental não só para trabalhar o desenvolvimento cognitivo, mas também o desenvolvimento emocional e pessoal dos estudantes e profissionais de educação, trazendo trabalhos preventivos com ênfase na cidadania, incentivando a solidariedade, a generosidade, a paz, a tolerância e o respeito às diferenças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados obtidos ao longo da pesquisa, foi possível concluir que os objetivos propostos foram alcançados e que a hipótese, que sugeria a existência de um conhecimento intermediário por parte dos professores sobre *bullying*, foi confirmada. A análise revelou que, embora haja um interesse genuíno pelo tema, os educadores ainda enfrentam dificuldades significativas na identificação e no enfrentamento do *bullying*. Isso evidencia a necessidade de programas de formação continuada que ofereçam não apenas conhecimento mais aprofundado, mas também ferramentas práticas para lidar com o fenômeno. Além disso, a pesquisa indicou que, apesar da existência de respaldos legais para combater o *bullying*, sua implementação efetiva nas escolas ainda é limitada, pois muitas instituições carecem de estratégias estruturadas e consistentes para enfrentar essa prática.

A pesquisa gerou reflexões relevantes sobre a importância da integração da psicologia escolar no combate ao *bullying*. Uma vez que o psicólogo pode ser um grande aliado no combate ao *bullying* à medida que colabora no desenvolvimento de intervenções de combate à violência no âmbito escolar que favoreçam o desenvolvimento de empatia, resolução de conflitos e habilidades socioemocionais, essenciais para prevenir e intervir de forma eficaz em situações de *bullying*.

No entanto, algumas limitações metodológicas impactaram a pesquisa, como o tamanho da amostra, composta por um número restrito de escolas e professores, o que limita a generalização dos resultados para um universo maior de instituições. Embora o número de participantes tenha sido adequado ao objetivo da pesquisa, uma amostra mais abrangente permitiria um panorama mais representativo. Além disso, o formato online do questionário pode ter influenciado as respostas, pois os participantes tinham a possibilidade de consultar fontes externas, o que poderia afetar a espontaneidade das respostas. Para contornar essas limitações, futuras pesquisas poderiam ampliar a amostra, abrangendo uma maior diversidade de escolas, e integrar métodos complementares, como entrevistas qualitativas e observações diretas, para proporcionar uma análise mais aprofundada sobre as dinâmicas do *bullying* em salas de aulas das escolas de todo o país.

A partir dos resultados, surgem novas questões a serem investigadas em pesquisas futuras, como a necessidade de investigar as especificidades de diferentes tipos de *bullying*, incluindo o *cyberbullying*, e como a tecnologia pode influenciar esse comportamento. Além disso, as respostas obtidas sugerem que seria relevante explorar a viabilidade de ações conjuntas entre

escolas, famílias e profissionais da saúde, incluindo psicólogos, para construir uma rede de apoio mais eficaz.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994

BRASIL. *Lei nº 13.185*, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm. Acesso em: 16 mai. 2023.

BRASIL. *Lei nº 14.811*, de 12 de janeiro de 2024. Institui medidas de proteção à criança e ao adolescente contra a violência nos estabelecimentos educacionais ou similares. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14811-12-janeiro-2024-795244-publicacaooriginal-170834-pl.html>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Psicólogas(os) e assistentes sociais na rede pública de educação básica: orientações para regulamentação da Lei nº 13.935*. 2. ed. 2019.

CRISTOVAM, M. A. S. et. al. Atos de *bullying* entre adolescentes em colégio público de Cascavel. *Adolesc. Saúde*, 2010, 7(4), 46-54.

CROCHICK, J. L. CROCHICK, N.. *Bullying, preconceito e desempenho escolar: uma nova perspectiva*. São Paulo: Benjamin, 2017.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S.. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 16, n. 1, p. 55–60, jan. 2012.

GIL, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.

JESUS, P. S. *Bullying na escola*. Trabalho de Conclusão de Curso- Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14537/1/2015_PamelaSousadeJesus_tcc.pdf. Acesso em: 16 mai. 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LOPES ., A. A. *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5, p. s164–s172, nov. 2005.

MIYAZATO, D. *Bullying está ligado ao baixo desempenho escolar de vítimas, agressores e testemunhas*. Universidade de São Paulo, 15 mai. 2017. Disponível em: <https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2017/05/15/bullying-esta-ligado-a-baixo-desempenho-escolar-de-vitimas-agressores-e-testemunhas/>. Acesso em: 16 mai. 2023.

MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32,

1999.

OLIVEIRA, W. C. O papel do professor diante do *bullying* na sala de aula. *educere - Revista da Educação da UNIPAR, [S. l.]*, v. 18, n. 2, 2018. DOI: 10.25110 /educere. v18i 2.2018.6973. Disponível em: [https:// unipar.open journal solutions. com.br/index. php/ educere/article/view/6973](https://unipar.openjournal solutions.com.br/index.php/educere/article/view/6973). Acesso em: 13 out. 2024.

RIBEIRO, M.J. *A Psicologia Escolar e o trabalho do professor: a importância do cuidado*. 2019.

ROBSON, D. *O bem-sucedido método para acabar com o bullying nas escolas*. BBC News Brasil, 19 de maio de 2022. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-61306052>> Acesso em 8 de setembro de 2022.

SILVA, A. B. B. *Bullying mentes perigosas nas escolas*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2015.

SILVA, E. N.; ROSA, E.C.S. Professores sabem o que é *bullying*?: um tema para a formação docente. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 17, p. 329-338, 2013.

SILVA, J. L. et al. *Bullying* na sala de aula: percepção e intervenção de professores. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 121-137, jan./jun. 2013.

SILVA, J. L. BAZON, M. R. Prevenção e enfrentamento do *bullying*: o papel dos Professores. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v.30, n.59, p.615-628, 2017.

YOKOY, T. PEDROZA, R.L.S. Psicologia escolar em educação infantil: reflexões de uma atuação. *Psicologia escolar educacional*, vol. 9, nº1, 2005.

YUNES, M. A. M. *Um educador para proteger do risco e tricotar a resiliência: o profissional da educação como agente de proteção e de promoção de resiliência*. In: CABRAL, S.; CYRULNIK, B. (Orgs.). *Resiliência como tirar leite de pedra*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 157-172.

5. ANEXOS

ANEXO A

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Nome: _____

Escola: _____

TEMA O papel do professor diante do *bullying* na sala de aula

1. O que você entende sobre *bullying*?
2. Qual é o papel do professor na escola quando o assunto é *bullying*?
3. Quais são as influências que você acha que o *bullying* tem na vida da vítima?

4. Qual é a sua atitude ao presenciar uma situação de *bullying* na sala de aula?
Quais as providências tomadas?

5. A escola em que você trabalha, já fez algum trabalho com os professores e alunos sobre o *bullying*? Explique como foi.

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro Participante:

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada, O Papel do Professor Diante do *Bullying* em Sala de Aula, que se refere a um projeto de Psicologia Escolar do(s) participante(s), Dahny Elizabeth Queiroz Sampaio, Gleiciane Maria do Nascimento, Sabryna Gonçalves Sales, Thais Bayma Mark, Vanderley Luiz de Souza do(a), qual pertence ao Curso de Psicologia da Universidade Paulista-UNIP.

O objetivo deste estudo é investigar como os professores lidam com situações de *bullying* em sala de aula. Os resultados contribuirão para a implementação de projetos *antibullying* na escola e consequentemente corroborar com o papel tão importante que o professor tem como educador.

Sua forma de participação consiste em conscientizar e ajudar a criar um ambiente escolar mais positivo e acolhedor, será utilizado questionário confeccionado de forma digital.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante seu anonimato, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada e não haverá gastos, decorrentes de sua participação, se houver algum dano decorrente da pesquisa, o participante será indenizado nos termos da Lei.

Considerando que toda pesquisa oferece algum tipo de risco, nesta pesquisa o risco pode ser avaliado como: de risco acima do mínimo devido a possibilidade de reativar sentimentos e memórias, por experiências vividas diante do *bullying* caso seja necessário, o participante pode procurar o Centro de Psicologia Aplicada da UNIP para atendimento ou demais providências decorrentes de sua participação nesta pesquisa.

São esperados os seguintes benefícios imediatos da sua participação nesta pesquisa: contribuição para o avanço do conhecimento, no qual pode trazer benefícios tanto para comunidade escolar, como para os acadêmicos.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Esse termo terá suas páginas rubricadas pelo pesquisador principal e será assinado em duas vias, das quais uma ficará com o participante e a outra com o pesquisador responsável: Leonardo Conceição Guimarães, Universidade Paulista – UNIP, Campus Goiânia-Flamboyant, Rodovia BR-153, Km 503 - Fazenda Botafogo – GO, CEP 74845-090 - Tel.: (62) 3239-4000, Goiânia, Goiás.

Eu _____ (nome do participante e número de documento de identidade) confirmo que Dahny Elizabeth Queiroz Sampaio, Gleiciane Maria do Nascimento SILVA, Sabryna Gonçalves Sales, Thais Bayma Mark, Vanderley Luiz de Souza, explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, eu concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

Goiânia, 19 de fevereiro de 2024

(Assinatura do participante da pesquisa)

Eu, _____ (nome do membro da equipe que apresentar o TCLE) obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do participante da pesquisa ou representante legal para a participação na pesquisa.

(Assinatura do membro da equipe que apresentar o TCLE)

(Identificação e assinatura do pesquisador responsável)

ANEXO C

CATEGORIZAÇÃO DAS RESPOSTAS:

1. PERGUNTA 1: O que você entende sobre *bullying*?

1.1. CATEGORIA 1- Crime, preconceito ou desrespeito (5/16_31,25%)

- A) Crime
- B) Abuso repetitivo e desrespeito com uma pessoa
- C) Desrespeito
- D) Desrespeito e preconceito contra outra pessoa
- E) Discriminar o outro mediante raça, cultura, o físico e classe social.

1.2. CATEGORIA 2- Agressão física, verbal ou psicológica (11/16_68,75%)

- A) Agressão, seja física ou psicológica, de forma contínua e deixa o agredido inferiorizado.
- B) É uma agressão verbal, física ou qualquer intimidação feita por outras pessoas, pelo seu jeito de ser ou agir.
- C) *Bullying* é toda ação que visa humilhar e constranger alguém, direta ou indiretamente, seja por não gostar da pessoa, por raiva, por questão de raça, cor, escolha ou outra, seja também por falta de coleguismo e, principalmente, de ética da parte de quem pratica. É um ato condenável, pois afeta a imagem e o psicológico da pessoa que sofre *bullying*.
- D) Atitude agressiva em que uma pessoa exerce sobre a outra de forma verbal ou não verbal. Geralmente produzida por preconceito e discriminação social ou intelectual
- E) Palavra de origem inglesa e que significa "valentão". São atitudes de uma pessoa contra outra de forma violenta e preconceituosa.
- F) *Bullying* é a intimidação contra uma pessoa, praticado por pessoas que queiram desfavorecer ou humilhar outra causando constrangimento, e inúmeros malefícios com essa prática.

- G) Toda situação que cause desconforto emocional, físico e social.
- H) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente.
- I) Violência física e psicológica.
- J) Algo que machuca a alma das pessoas.
- K) Desrespeito às diferenças

2. PERGUNTA 2: Qual é o papel do professor na escola quando o assunto é *bullying*?

2.1. CATEGORIA 1- Conscientizar sobre causas e/ou consequências. **(6/16_37,5%)**

- A) Esclarecer sobre as causas e consequências.
- B) Orientar os alunos sobre os prejuízos do *bullying*, tanto para quem agride, quanto para o agredido.
- C) Conversar sobre os efeitos e causa.
- D) Produzir o máximo de conhecimento e esclarecimentos sobre a temática para que os alunos cientiquem dos riscos e gravidade da ação do *bullying* contra colegas e professores.
- E) informar, orientar e ajudar quando possível.
- F) Alertar o grupo de alunos sobre as consequências dessa prática, e identificar e tentar resolver o problema se já estiver acontecendo, e encaminhar para tratamento se for muito grave.

2.2. CATEGORIA 2- Denúncia a autoridades competentes ou punição. **(4/16_25%)**

- A) Denunciar.
- B) É nosso papel parar a aula e intervir oralmente e em particular nessa prática, chamar os envolvidos e conversar e /ou levar à coordenação pedagógica.
- C) O papel deve ser de orientação, em casos aparentemente leves (uma brincadeira de mal gosto, por exemplo), lembrando que de tal ação ninguém gosta e que ninguém aceita. Em outros casos, denúncia às coordenações escolar e disciplinar, para a tomada das devidas providências.
- D) Fiscalizar, conscientizar e inibir essas ações.

2.3. CATEGORIA 3- Melhorar o ambiente escolar e/ou acionar responsáveis pelo aluno. (2/16_12,5%)

- A) Construir uma comunidade escolar livre de preconceitos.
- B) Conversar com o aluno para que ele expresse seus sentimentos. Chamar os pais para que estejam cientes da situação.

2.4. CATEGORIA 4- Conscientizar sobre respeito e igualdade. (2/16_12,5%)

- A) Levar a criança a compreender que todos somos iguais e que temos o direito de respeitar, independente da sua pessoa e que todos necessitamos um do outro.
- B) Explicar e mostrar que devemos respeitar as diferenças uns dos outros.

2.5. CATEGORIA 5- Mediar o conflito e buscar solução. (2/16_12,5%)

- A) O professor tem o papel de mediar os conflitos e encaminhar junto a coordenação.
- B) Explicar e conduzir a situação da melhor maneira.

3. PERGUNTA 3: Quais influências você acha que o *bullying* tem na vida da vítima?

3.1. CATEGORIA 1- Respostas confusas ou genéricas voltadas a influências negativas. (8/16_50%)

- A) Péssima. Foram anos de lutas internas para libertação.
- B) Negativa.
- C) Todas negativas.
- D) Orienta-se contra a ação e informa a direção ou coordenação sobre o ocorrido em sala.
- E) Acho que há uma cobrança da sociedade que as pessoas para exercer uma função de destaque tem que ser bonita ou bonito, de boa aparência, não valorizando o seu potencial. Isso vem desde os nossos antepassados. A educação tem trabalhado muito esse tema e demonstra ter uma pequena mudança nesse aspecto.
- F) O *bullying* em todas as esferas impacta emocionante as crianças.
- G) Influência negativa, que fere a alma e o psicológico.
- H) Traumas.

3.2. CATEGORIA 2- impactos psicológicos como baixa autoestima, medo, ansiedade, isolamento e sintomas depressivos. (7/16_43,75%)

- A) Influências negativas: diminuição da autoestima, inferiorização em relação aos seus pares, podendo levar a vítima à depressão.
- B) Tem uma influência deveras negativa, visto que a criança ou adolescente sentem excluídos e tristes. Podendo ter crises de ansiedade e/ou depressão.
- C) Muito negativo para baixa autoestima.
- D) isolamento social, depressão e angústia.
- E) São muitos problemas e vai depender do comportamento de cada e o modo que cada um reage. Mas o principal problema, pra mim, é a criança se fechar, não querer se desenvolver achando que tudo que fizer vai gerar uma reação dos agressores.
- F) Traumas psicológicos e opressão.
- G) Baixa autoestima, pouco desempenho escolar, isolamento e traumas psicológicos.

3.3. CATEGORIA 3- Suicídio, violência e/ou ataques a escolas com armas de fogo. (1/16_6,25%)

- A) O *bullying* é temível: afeta a moral, afeta o psicológico, cria ódio e, em casos graves, até ações perigosas, como estudantes que atacam escolas com armas para se vingar. O *bullying* afeta os relacionamentos entre colegas, traz inimizades e malquerenças. Um outro perigo, terrível: no caso de estudantes que não têm estrutura, o suicídio.

4. PERGUNTA 4: Qual é a sua atitude ao presenciar uma situação de *bullying* na sala de aula? Quais as providências tomadas?

4.1. CATEGORIA 1- Diálogo e conscientização. (5/16_31,25%)

- A) Diálogo e conscientização.
- B) Certa vez, uns dois anos atrás, vi uma aluna negra ser chamada de negrinha por um colega. Ele dizia que ela entendia e que não levava a sério. Eu, como professor, disse que era uma brincadeira de muito mal gosto, que trazia constrangimento para a colega negra, mesmo que, aparentemente, ela não se importasse com a tal importunação. Disse que, se continuasse, o estudante iria perder a amiga e o respeito interior dela por ele. Falei outras coisas nessa linha de oposição ao *bullying* e pedi ao rapaz que não fizesse mais tal brincadeira de mal gosto e ofensiva. Ora, ninguém gosta de ofensa, nem ele.
- C) Conversar com a turma e desenvolver projetos que possam conscientizar.
- D) Busco o diálogo, trazendo aos alunos uma reflexão de que aquela atitude é errada.
- E) Explicar e trazer reflexão aos alunos.

4.2. CATEGORIA 2- Denúncia, repreensão e/ou punição. (3/16_18,75%)

- A) Denunciar. Conversar com a vítima e o transgressor.
- B) A atitude correta é intervir, conversar e repreender o envolvido na prática
- C) Repreender o aluno praticante e conscientizá-lo quanto essa prática pode trazer riscos e danos severos.

4.3. CATEGORIA 3- solução envolvendo a participação de diretores e coordenadores e/ou responsáveis pelos alunos envolvidos. (8/16_50%)

- A) Ao presenciar o *bullying* na sala de aula, converso com os alunos, orientando-os sobre as consequências da prática do *bullying*. Além de conversar com os alunos, a família também participa do processo de informação sobre as consequências do *bullying*, tanto civil, quanto criminal.
- B) Conversar e chamar os pais dos envolvidos.
- C) Normalmente ao tomarmos ciência de algum caso envolvendo o *bullying*, comunicamos imediatamente a coordenação para que tomem as providências administrativas cabíveis no caso.
- D) Levar ao conhecimento da autoridade escolar. Direção e coordenação.
- E) Encaminhar para a direção aplicar as medidas cabíveis.
- F) Inicialmente, expor pra turma sobre o tema, se persistir, chamar os envolvidos e família, individualmente, para uma conversa.
- G) Médio, encaminho para a coordenação e cobrou posicionamento da escola.
- H) Dialogar com os envolvidos (autor e vítima), chamar o responsável do autor do *bullying* para conversar e entender como tem sido o comportamento do aluno em casa, a fim de saber se ele tem passado por algum problema. Orientar esse aluno para que compreenda que esse comportamento não está certo, a fim de que não venha se repetir. Conversar com a vítima, ajudar no que for preciso.

5. PERGUNTA 5: A escola em que você trabalha já fez algum trabalho com os professores e alunos sobre o *bullying*? Explique como foi.

5.1. CATEGORIA 1- Não teve, não se lembra ou não explicou claramente. (5/16_31,25%)

- A) Não.
- B) Temos um projeto.
- C) Não.
- D) Não.
- E) Não respondeu a essa pergunta.

5.2. CATEGORIA 2- Sim, trabalho direcionado aos alunos com palestras, rodas de conversas e trabalhos voltados a conscientização e prevenção. (8/16_50%)

- A) Sim. Palestras com psicólogos.
- B) Sim, os alunos participaram de palestras e posteriormente, de roda de conversa.
- C) Sim. Já fiz um projeto visual e exposição sobre o combate ao *bullying*.
- D) Sim, palestras e oficinas.
- E) Sim. São feitas várias ações no sentido de informar e evitar atitudes de *bullying* por nossos alunos. Além das ações pedagógicas existe um regulamento coercitivo onde são definidas as ações em caso de prática de *bullying*.

- F) Sim. Rodas de conversa, palestras e leituras dirigidas sobre o tema.
- G) Sim. Atividades informativas e esclarecedoras sobre o assunto.
- H) Sim, projeto "Diga não ao *bullying* e ao *Cyberbullying*".

**5.3. CATEGORIA 3- Sim, trabalhos envolvendo a escola, pais e/ou comunidade.
(3/16_18,75%)**

- A) A escola expõe cartazes e orientações, deixando clara a lei federal anti-*bullying*.
Aciona os pais, orientando-os em reuniões de pais e conversando com as turmas.
- B) Sim. Tivemos palestras para a escola, comunidade, músicas e atividades em grupo.
- C) Trabalho em escola municipal, o tema sempre é discutido em reuniões de planejamento.